

Casos de homicídios dolosos envolvendo mulheres no Rio Grande do Sul: algumas interpretações possíveis

Bolsista PROBIC FAPERGS-UFRGS: Rafaela Demétrio Hilgert

Orientadora: Melissa de Mattos Pimenta

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo se insere como recorte no projeto de pesquisa intitulado “Cenários e Motivações dos Homicídios Dolosos no Sul do Brasil”.

2. OBJETIVO

Desenvolver possíveis interpretações sobre casos de homicídios dolosos envolvendo mulheres no Rio Grande do Sul, através da análise da fala de diferentes entrevistados.

3. METODOLOGIA

Realização de entrevistas semiestruturadas com profissionais vinculados ao Sistema de Justiça Criminal e de representantes da sociedade civil, com atuação, experiência ou vivência em relação ao problema dos homicídios; levantamento bibliográfico em artigos e livros sobre a temática dos homicídios; e consulta de dados estatísticos em fontes secundárias. Para subsidiar a análise, as entrevistas foram transcritas e codificadas em diferentes categorias no software Nvivo11. Através das codificações foi possível reunir as principais falas sobre mulheres e homicídios. Após, foram destacados três discursos considerados pertinentes e se analisou possíveis interpretações.

4. SÍNTESE DOS DADOS INICIAIS - FALA DOS ENTREVISTADOS

Os entrevistados apontam que as mulheres aparecem majoritariamente como vítimas de homicídios dolosos, especialmente em casos de feminicídios e/ou envoltas na dinâmica do tráfico de drogas.

A) Feminicídio: percebido como sendo majoritariamente no âmbito doméstico, motivado por ciúmes/rejeição de um (ex-)parceiro, “justificado” pela passionalidade. Destacam que são homicídios com requintes de crueldade, com frequente utilização de facas e martelos. O uso de álcool e outras drogas impulsiona esses crimes, sendo reconhecido como consequência do tráfico de drogas. Pouca reflexão sobre o papel do machismo nesses contextos.

B) Dentro do contexto do tráfico de drogas, os homicídios de mulheres foram relatados em diferentes formas.

B.1) Dívidas com o tráfico e queima de arquivo: os homicídios de mulheres seriam frequentes em usuárias com dívidas com o tráfico, bem como em execução por queima de arquivo. Para ambos, não houve grandes detalhamentos sobre os crimes para ser possível analisar indicações de feminicídios.

B.2) Prostitutas mortas em serviço: também teria relação com o tráfico de drogas, por serem usuárias e se submeterem à profissão para manter o uso. São mortas pelos cafetões, clientes ou por disputa de pontos. Não houve reflexões desses crimes como feminicídios.

B.3) Como consequência do envolvimento com traficantes: foram apresentadas duas diferentes formas, detalhadas a seguir.

B.3.1) relacionamento com traficante: mulheres seriam assassinadas simplesmente por ter um relacionamento, amoroso ou familiar, com um traficante. Não houve maiores reflexões sobre esses crimes, nem percepções de que seriam indicações de feminicídios.

B.3.2) comando de pontos de tráfico: o companheiro morto ou preso, a mulher assume o posto de liderança e morre dentro das disputas do tráfico. Existe um entendimento de que a mulher só se insere na liderança dentro do tráfico para substituir um homem. Houve estranhamento dos entrevistados quando, nos relatos, não foi possível identificar essa relação para explicar a liderança de uma mulher.

5. ANÁLISE - POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES

Foram selecionadas apenas as sínteses das falas consideradas mais pertinentes, tendo como base o (des)encontro com a bibliografia levantada sobre o tema. São eles:

A) Feminicídio: percebido como sendo do âmbito doméstico, concentração de entendimento do feminicídio apenas do tipo íntimo, envolvendo relação amorosa (MARGARITES, 2015; MENEGHEL & MARGARITES, 2017). Não houve o reconhecimento/consciência de outros tipos de feminicídios, mesmo quando relatados pelos entrevistados. Isto pode ser explicado pela tipificação ser ainda muito recente (MARGARITES, 2015; MENEGHEL & MARGARITES, 2017, INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2017), sendo o debate atual voltado apenas para conflitos domésticos e com relações com parceiros amorosos. A passionalidade e o uso de substâncias utilizados como atenuantes dos crimes podem ser explicados devido à socialização da cultura machista (CALVACANTI, 2006; SAFFIOTI, 2001; ROSA 2012; TELES & MELO, 2003), somado à romantização desses crimes e à culpabilização da vítima como responsável por sua morte (BLAY, 2013; MARGARITES, 2015). Os requintes de crueldade e uso de armas brancas são confirmados em estudos (ROSA, 2012; WASELFSZ, 2015).

B.2) Prostitutas mortas em serviço: foi interessante perceber que estas mortes foram justificadas pela relação com o tráfico, não problematizando o machismo presente nessas relações. Para autores, a morte dessas mulheres é considerada uma forma de feminicídio (MARGARITES, 2015; RUSSEL 2009 apud MARGARITES, 2015; SALFATI, 2008), mas essa reflexão não é levantada pelos entrevistados. O que poderia explicar isso seriam pontos já destacados anteriormente. Primeiro, a socialização da cultura machista que blinda esse tipo de reflexão sobre esses corpos estigmatizados e objetificados pela prostituição, e segundo, o próprio desconhecimento dos tipos de feminicídios, em que o entendimento se concentra em feminicídios do tipo íntimos entre relações amorosas. Desta forma, homicídios de prostitutas passam a ser invisibilizados como crimes de feminicídios (CARCEDO, 2010; MENEGHEL & MARGARITES, 2017), exaltando a necessidade de ampliar o debate.

B.3.2) comando de pontos de tráfico: as falas explicitam a questão dos papéis de gênero, da divisão sexual do trabalho dentro da nossa sociedade (RILEY, 1988; ASTELARRA, 1987; PRÁ, 2014). Para os entrevistados, a ascensão de mulheres no tráfico deveria estar automaticamente relacionada a uma figura masculina que saiu de cena, visto que o papel de líder no tráfico não é atribuído a mulheres. Contudo, estudos demonstram que mulheres assumem a liderança por desejo e se inserem no tráfico como escolha pessoal (BARCINSKI, 2009; CORTINA, 2015). Além disso, a forma com que essas mulheres traficantes são mortas também poderia configurar feminicídio, por ser uma maneira de cobrar que essa mulher estava ocupando um lugar social ao qual não pertencia (CALVACANTI, 2006; MONARREZ FRAGOSO, 2002, SEGATTO, 2006), contudo, os detalhamentos desses homicídios não apareceram nas falas, não sendo possível afirmar essa tipificação.

6. CONCLUSÕES INICIAIS

Algumas falas sobre homicídios de mulheres estão condicionadas à questões de socialização da cultura machista e desconhecimento sobre o que pode ser tipificado como feminicídio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASTELARRA, J. *La cultura política de las mujeres*. In: LECHNER, Norbert (comp.). *Cultura política y democratización*. Buenos Aires: CLACSO, 1987. p. 149-168.

BARCINSKI, Mariana. *Protagonismo e vitimização na trajetória de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.14, n.2, p.577-586, mar./abr. 2009.

BLAY, E. A. *Violência contra a mulher e políticas públicas*. *Estud. av.*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 87-98, Dez. 2003.

CARCEDO, A. (Org.) *No olvidamos ni aceptamos: feminicidio em Centroamérica, 2000-2006*. San José: Asociación Centroamericana de Información y Acción, 2010.

CAVALCANTI, S. V. S. F. *A violência doméstica como violação dos direitos humanos essenciais*. Jus, Alagoas, 2005.

CORTINA, M. O. C. *Mulheres e tráfico de drogas: aprisionamento e criminologia feminista*. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 23, n.3, p. 761-778, dez. 2015.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Feminicídio #InvisibilidadeMata*. Fundação Rosa Luxemburgo. São Paulo, 2017

MARGARITES, A. F. *Feminicídios em Porto Alegre - uma análise crítica de inquéritos policiais*. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, UFRGS, 2015.

MENEGHEL, S. N.; MARGARITES, A. F. *Feminicídios em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: iniquidades de gênero ao morrer*. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.33, n.12, 2017.

MONARREZ FRAGOSO J. *Feminicidio sexual serial em Ciudad Juarez: 1993- 2001*. *Debate Feminista*, 25(13), p. 1-16, 2002.

PRÁ, J. R. *(Re)socializar é preciso: aportes para uma releitura sobre gênero e juventude no Brasil*. In: BAQUERO, Marcello (Org.). *Democracia, juventude e capital social no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 79-119, 2004.

RILEY, D. *Am I That Name? Feminism and the Category of Women in History*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.

ROSA, B. A. R. *Feminicídios: Um estudo ecológico em municípios brasileiros, 2007 – 2009*. Trabalho de Conclusão de Curso. 39 f. Escola de Enfermagem, UFRGS, 2012.

SAFFIOTI, H I.B. *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 16, 2001.

SALFATI, C. G. *Prostitute homicides: a descriptive study*. *J Interpers Violence*. 2008; 23:505-43.

SEGATO, R. L. *Que é um feminicídio. Notas para um debate emergente*. Brasília: Universidade Nacional de Brasília, 2006. Série Antropologia, 401.

TELES, M. A. & MELO, M.. *O que é violência contra a mulher*. (Coleção Primeiros Passos, 314). São Paulo: Brasiliense, 2003.

Waiselfisz, J. J. *Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília, DF: Flacso 2015.